



A MENINA TAUREPANG

E UM SONHO

INACABADO

por Andreina Loyola Palma

da coleção
CORAGEM DA ALMA

nos seus ensinamentos. Através deles, conheci a Jesus como meu salvador que, diferentemente de Macunaíma, se preocupava com meu bem-estar e conhecia meus sentimentos. Comecei a orar pedindo e suplicando pela libertação de meu esposo. Deus me ouviu.

Apesar das grandes barreiras colocadas pela minha família que não aceitava minha conversão, batismo e casamento numa igreja evangélica, meus pastores Antonio Galvão e Maria Osanir Galvão passaram a visitar minha comunidade. Conseguiram conquistar a amizade da minha família e do meu povo. Hoje sou casada no civil, recebi a benção de Deus através do casamento religioso, sou batizada nas águas, sou mãe de um casal de filhos. Tenho, com a graça de Deus e pelo seu poder, crescido espiritualmente e continuo, como naquele sonho, na tentativa de tirar minha família da casa do mal.

geralmente em estado grave, não sabe contar o que aconteceu e pode até morrer.

Os anciãos contavam de uma força positiva, como se fosse Deus, chamada Macunaíma. Essa força positiva podia irritar e amaldiçoar. Segundo eles, isto ocorreu com nossos ancestrais, Avô e Avó KueKa. Avô Kueka, sendo ele índio Pemon de etnia Taurepang, e a Avó Kueka de etnia Macuxi (índios habitantes do estado de Roraima Brasil), foram amaldiçoados e transformados em pedra de jaspe. A maldição sobreveio como castigo por desobedecerem a proibição de casamento entre etnias diferentes.

Em 1994, essas pedras foram reconhecidas como patrimônio nacional. Há mais ou menos 20 anos, a pedra Avó Kueka foi levada para Berlim na Alemanha de maneira ilegal, de acordo com relatos locais do meu povo, pelo artista plástico Wolfgang

A MENINA TAUREPANG E UM SONHO INACABADO

por Andreina Loyola Palma

No sonho, eu caminhava em uma noite escura, quando de repente olhei para o chão e me dei conta de que tudo estava inundado com água suja, até a altura dos meus joelhos. Cadáveres boiavam ao meu lado. Fiquei apavorada. Lembrei-me de que precisava chamar minha família que estava na casa do pajé, porém os encontrei desaparecidos como se estivessem em transe. Eu gritava pedindo para que

Von Schwarzenfeld. Eles acreditam que esse evento explica os desastres naturais e o desequilíbrio da natureza: a falta de peixes nos rios e a baixa colheita na agricultura. Até mesmo a crise econômica atual de nosso país é atribuída ao furto da pedra para a Alemanha. Mas se conseguirem a pedra Avó Kueka de volta, tudo se normalizará.

Fui criada por minha avó porque minha mãe faleceu vítima de tuberculose. Apesar das dificuldades de saúde da primeira infância, meus anos de criança foram marcados pelas brincadeiras com os primos na chuva, nos rios, flechando os alvos pré-estabelecidos pela criançada.

Embora eu tenha orgulho de minhas raízes e me sinta parte do meu povo, quando cheguei na adolescência vivi momentos de angústia, incertezas e muita opressão. Quando me deitava à noite, tinha



REDE **MÃOS DADAS**

Existimos enquanto rede para promover e apoiar a resposta cristã para os problemas vividos pelas crianças e adolescentes nas mais variadas situações de vulnerabilidade. cremos no reino de Deus como uma realidade já inaugurada por Cristo. Isto demanda de nós, seus seguidores, atitudes alinhadas com o coração do Mestre em relação à criança, ao adolescente e a pessoa humana em geral. Por isto, queremos que toda criança e todo adolescente experimente a vida plena.

A rede optou por um arranjo informal, não tendo assim personalidade jurídica. O Instituto Lado a Lado, uma pequena agência de comunicação formada para dar amparo legal ao trabalho missionário do casal James e Elsie Gilbert, tem sede em Viçosa, Minas Gerais. O Instituto hospeda a plataforma de comunicação da rede.

Acompanhe-nos por meio de nossas redes sociais:

Instagram: @redemaosdadas

Facebook: RevistaMaosDadas

Site: www.maosdadas.org.br

Com a convivência, descobri que meu companheiro estava afastado da igreja, que algum tempo antes tinha se considerado evangélico. Bebia muito e era usuário de drogas, por isso nunca havia me falado de Jesus. Eu sofria muito com isso. Quando falava para ele escolher entre mim e seu vício, ele dizia que preferia o vício. Eu chorava muito e cheguei a arrumar as malas pra voltar para minha família. Mas nunca tive coragem para isso.

A avó dele tinha feito amizade com um casal de missionários, pastores que haviam chegado há pouco tempo na cidade. Eles começaram a nos visitar e convidar para cultos nas casas. Ainda não tinham construído templo para as reuniões. Gostei muito deles e a missionária me chamava de “minha filha”. A cada estudo da palavra, eu me lembrava do meu sonho. “Quem sabe não são eles?”, pensava. Isso facilitou para eu confiar na palavra de Deus e

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Você consegue perceber fatores de resiliência nesta história? Onde?
2. Que outras virtudes pessoais você consegue perceber na história que contribuíram para que o protagonista conquistasse vitórias em sua vida?
3. Você acha que coragem é um ingrediente necessário para estas virtudes? De que forma?

saíssem da casa a fim de salvar suas vidas.

As várias tentativas de tirá-los de lá foram inúteis, pois decidiram permanecer no interior da casa e insistiam para que eu também ficasse. Decidi sair e, para que não me impedissem, corri para fora e fechei a porta atrás de mim.

Já do lado de fora, olhei em direção a um monte e vi um casal que me estendia as mãos e me chamava para seguir por um caminho. Disseram-me que este caminho era seguro. Nasceu em mim, então, a esperança de salvação. Eu os segui e fui salva.

Minhas origens

Nasci na comunidade Santa Cruz de Mapauri. Sou do povo indígena Pemón, de etnia Taurepang. Minha comunidade está localizada na região de

Depois, em virtude do grande medo que sentia, de ser obrigada a voltar à força e trazer muitos problemas para o Wanderson e sua família, decidimos fugir para Boa Vista. No entanto, levamos pouco dinheiro, nossa permanência lá ficou impossível e voltamos para Pacaraima.

Logo que chegamos de volta, apareceu minha tia, desta vez com meus primos, meu pai e a polícia venezuelana. Seguiram-se as ameaças de me levarem amarrada, se preciso fosse, de tratarem meu companheiro a flechadas. A confusão estava formada. Eu mandei chamar a polícia local que, ao chegar, se dirigiu a mim e me pediu os documentos. Constataram que eu era maior de idade e desfizeram toda a confusão, mandando os outros todos de volta para a Venezuela. Ficou acordado que eu só voltaria para lá se fosse de livre e espontânea vontade.

muitos pesadelos e chegava a sentir a presença dos espíritos. Sentia que me descobriam ou que puxavam os meus braços e pernas.

Na adolescência quis continuar os estudos e fui trabalhar em uma casa de família na Ciudad Bolívar. Passei de uma casa a outra, sendo às vezes maltratada pelas famílias, submetida a um sistema de trabalho escravo. Isso continuou até a conclusão do ensino médio. Depois fui morar com minha tia, para continuar trabalhando, em uma comunidade indígena dentro da cidade de Santa Elena de Uaién. Esta cidade fica a mais ou menos 50 minutos de minha comunidade e 20 minutos de Pacaraima, Roraima, já no lado brasileiro.

Amadurecimento e conversão

Tempos depois, trabalhando como empregada doméstica em Santa Elena, da janela da cozinha

Gran Sabana, parque Canaima, na Venezuela. Fui criada por minha avó paterna desde os oito dias de nascida. De acordo com nossa cultura, existem espíritos que habitam em certos vegetais como o “abuelo” e o “tabaco”. São considerados agentes do bem para combater o mal causado pelos espíritos mortos que vivem dentro das montanhas. Minha avó é da etnia dos índios xamã. Na cultura do meu povo, índios xamã são capazes de ser possuídos pelos espíritos dos vegetais.

As pessoas possuídas pelos espíritos das montanhas se tornam muito perigosas. O mais perverso desses espíritos é chamado de Canaima. A pessoa possuída sai em busca de suas vítimas, procurando alguém que esteja só. Ela a espanca deixando alguns ossos quebrados, introduz folhas de planta venenosa pelos orifícios do corpo, causando febre alta. Quando a pessoa é encontrada,

Enquanto Deus faz a obra no coração da minha família, sou voluntária na Igreja Batista Independente de Pacaraima. Trabalho com crianças venezuelanas refugiadas, no reforço escolar, aula de artesanato e atividades recreativas. O nosso trabalho não cessou nem com a pandemia. Mesmo com perdas na família, mesmo com a pastora precisando ser internada devido a Covid-19, sempre retomamos a caminhada na medida do possível. Agradeço a Deus pela realização desses grandes milagres na minha vida e hoje tenho a consciência de que nasci para um propósito, o de fazer o nome do Senhor conhecido para o meu povo, e espero cumprir esta missão.

“Louvai ao Senhor todas as nações, louvai todos os povos”

Salmos 117.1

Wakupeman (obrigada),
Andrea

desta casa, vi uma imagem que me fascinava. Era um jovem trabalhador brasileiro, Wanderson, que se mostrava responsável. Tinha muita força e simpatia. Era o pedreiro da casa vizinha. Descobri que estava apaixonada. Percebi que seus patrões não o alimentavam. Vi aí, uma oportunidade de me aproximar dele, levando um pouco de comida, e não demorou muito para que o meu sentimento por ele fosse correspondido.

A casa do lado esquerdo tinha um vidro escuro. Achei que não podiam me ver cometendo o pequeno delito de levar comida para Wanderson. O fato é que quem estava no interior da casa, embora eu não os visse, podia me ver lá fora. Fui despedida. Isto coincidiu com a época em que o trabalho dele também tinha acabado. Ele precisava voltar para a cidade de Pacaraima. Então, ele me perguntou se

estava disposta a acompanhá-lo. Não tive coragem. Decidi ficar e voltei a morar na casa de minha tia.

Tentei esquecê-lo, mas a paixão só aumentava. Quando ele voltou a Santa Elena, procurando me ver novamente, declarei meus sentimentos por ele. Decidi fugir com ele para o Brasil. Chegando em Pacaraima, passamos a morar com a mãe dele.

Com pouco tempo que estava na nova cidade, minha tia veio me buscar. Brigou com a família de Wanderson e os acusou de me sequestrar. Ameaçou trazer meu pai, homens de minha família e a polícia venezuelana para me levarem de volta para casa. Mas não cedi, pois estava decidida a pagar o preço para ficar com ele. Minha tia voltou para Santa Elena e eu fiquei.